
Mídia e folkcomunicação: a apropriação midiática da cultura travesti

Media and folkcommunication: the media appropriation of transvestite culture

EDUARDO RITTER¹

Resumo: O professor Luiz Beltrão produziu nos anos 1960 a sua tese de doutorado – a primeira em Comunicação Social do Brasil – que iria mudar a história do campo com a inclusão de uma nova linha de pensamento: a Folkcomunicação. A partir daí, diversos autores se dedicaram a analisar e interpretar as formas de comunicação dos grupos marginais e minoritários espalhados pelo Brasil e pelo mundo. No presente artigo, é feita a caracterização da cultura travesti, que conta com linguagem e formas de interpretar o mundo próprias. A partir de então, há a apropriação dessa cultura pelas grandes empresas televisivas brasileiras, que jornalisticamente criticam o preconceito e ações de violência homofóbicas, mas que ao mesmo tempo incentivam tais atitudes nos discursos de seus programas de entretenimento e humor.

Palavras-Chave: Folkcomunicação. Programa de entretenimento. Cultura travesti. Televisão. Preconceito.

Abstract: The Professor Luiz Beltrão wrote in the 1960s his PhD thesis – the first in Social Communication in Brazil – that would change the history of the field with the inclusion of a new train of thought: the Folkcommunication. Thenceforth, several authors have dedicated themselves to analyze and interpret the forms of communication of marginal and minority groups throughout Brazil and world. In this paper we characterize the transvestite culture, which includes own language and ways of interpreting the world. Thenceforth, there is the appropriation of this culture by the Brazilian television companies, which journalistically criticize the prejudice and homophobic violence but on the other hand encourage this attitudes in the speeches of their entertainment and humor programs.

Keywords: Folkcommunication. Entertainment Programs. Transvestite Culture. Television. Prejudice.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A OBRA DE Luis Beltrão deixou um rico legado sobre os estudos folkcomunicaçãois no Brasil e no mundo. Assim, diversos autores passaram a estudar os sistemas específicos de comunicação dos grupos marginalizados da população, denominados por Beltrão de *folkcomunicação*, sob a perspectiva contemporânea de

1. Doutorando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul com período sanduíche na New York University. E-mail: rittergaucho@hotmail.com.

sociedade midiaticizada. Dentre os grupos marginalizados que contam com cultura, linguagem e formas de comunicações próprias, estão as travestis. É válido ressaltar que a cultura travesti, que está presente em grupos fechados dentro de todo o território brasileiro, apresenta características próprias, mas que são influenciadas pela sociedade midiaticizada, bem como tem a sua linguagem e cultura apropriadas pela mídia televisiva. Assim, considerando a hibridez da cultura travesti com os modos de sociabilidade contemporâneos, o artigo tem como objetivo analisar como essa linguagem própria das travestis é representada pelas grandes empresas midiáticas televisivas. Para tanto, opta-se pela visão sobre *folkcomunicação* e cultura popular de Luiz Beltrão, Néstor García Canclini, Jesús Martín-Barbero e José Marques de Melo. Afinal, conforme Melo (2007), ao falar sobre a disciplina de Folkcomunicação, o objeto de pesquisa está nos limites entre o folclore e a comunicação de massa.

Após contextualizar *folkcomunicação* e cultura popular, é feita uma breve análise do livro *Aurélia* de Victor Ângelo e Fred Lib, de sites mantidos por travestis, como a série *Glóssario*, publicada no youtube.com. Além disso, é enfocada a apropriação dessa linguagem pela grande mídia, como a entrevista feita por Jô Soares no lançamento do livro *Aurélia* e a apropriação dessa linguagem quadros humorísticos (Pânico na Band e Zorra Total) – geralmente reforçando os preconceitos existentes na sociedade. Para tanto, metodologicamente, optou-se pela visão sociológica e filosófica da análise do discurso defendida por Michel Foucault, pois há relações entre as disputas pelo poder simbólico e o discurso cotidiano, afinal, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2013, p.10). Assim, torna-se possível identificar os antagonismos entre uma cultura travesti, que valoriza esse grupo de pessoas, adotando um discurso voltado para elas; e a representação travesti nos programas humorísticos, com discursos que reforçam o poder do preconceito e da exclusão do mesmo grupo. Espera-se, a partir do presente artigo, que outros estudos possam seguir a mesma linha pensamento, afinal, “uma vez analisado, o objeto permanece para novas e novas abordagens. Ele não se esgota em uma descrição” (ORLANDI, 2013, p.64).

A RETROALIMENTAÇÃO ENTRE MÍDIA E CULTURA POPULAR

Antes de se abordar a cultura e a linguagem travesti, é importante fazer uma breve recuperação histórica do que caracteriza a *folkcomunicação* e a cultura popular, já fazendo algumas relações que podem ser conectadas com o objeto de análise. Para tanto, vale a pena partilhar o princípio de que “as culturas populares não são um efeito passivo ou mecânico da reprodução controlada pelos dominadores” (CANCLINI, 2013, p.273). Ou seja, culturas, como a travesti – que apesar de ser ignorada não só pela mídia, mas muitas vezes pelo próprio mundo acadêmico – é composta por milhares de pessoas no território brasileiro, e elas têm as suas próprias experiências e conflitos com aqueles que exercem o que Canclini (2013) chama de hegemonia. Uma forma de conflito pode ser verificada facilmente ao se analisar a forma como a mídia televisiva aborda e se apropria da linguagem e da cultura travesti, conforme abordado mais adiante.

No entanto, é importante admitir que essas culturas não estão isoladas da cultura de massa e da sociedade midiaticizada contemporânea, mas sim, elas estão inseridas

nesse processo, dando o caráter híbrido apontado por Canclini (2013). Mas como reagem, especificamente, o grupo de travestis a essa abordagem da mídia hegemônica? Geralmente com o silêncio. Porém, é um calar que, ao contrário do que diz o ditado popular, não consente. Outra questão importante é: como surgiu essa apropriação midiática da cultura travesti? Ora, ela não é nova, mas sim, faz parte da apropriação e da hibridez que passa a haver a partir da midiaticização da sociedade, onde as relações entre mídia e culturas de todos os tipos são inevitáveis.

A mestiçagem, que não é só aquele fato racial do qual viemos, mas a trama hoje de modernidade e descontinuidade culturais, deformações sociais e estruturas do sentimento, de memórias e imaginários que misturam o indígena com o rural, o rural com o urbano, o folclore com o popular e o popular com o massivo (BARBERO, 2013, p.28).

Ou seja, é a partir da miscigenação, que inclui a apropriação, a adaptação e a recriação, e da hibridização desse processo, que surgem as relações entre diversas situações e expressões da cultura, “sejam essas advindas da espontaneidade popular, das produções industriais, da circulação midiática acelerada ou mesmo oriundas de outras regiões, países ou continentes (como supõe a lógica da globalização contemporânea) (GADINI, 2007, p.57). E como as culturas populares relacionam-se com a mídia? Ora, conforme bem aponta José Marques de Melo, há uma retroalimentação de mão dupla entre as culturas populares e a indústria cultural. “Muitos dos seus produtos típicos, principalmente no setor do entretenimento, resgataram símbolos populares, submetendo-os à padronização típica da manufatura seriada” (MELO, 2008, p.47). No caso da cultura travesti, essa apropriação, no entanto, não é no sentido de resgatar um símbolo ou ovacionar uma cultura – como ocorre, por exemplo, quando se aborda uma cultura regional, uma cultura profissional, de amantes de esportes, ou até mesmo, de questões heterossexuais (como o culto implícito ou explícito ao machismo), mas sim, no sentido de divertir e propagar visões preconceituosas, conforme apontado mais adiante.

Contemporaneamente esse processo é ainda mais acelerado pois, como ressalta Melo (2008), o mundo online permite “multiplicar os seus interlocutores, bem como ensinar o intercâmbio entre grupos e pessoas que possuem identidades comuns, mesmo distanciados pela geografia” (MELO, 2008, p.97). E, assim, diversos grupos travestis das mais variadas partes do território brasileiro passaram a ter diversos canais aonde podem expressar os seus pensamentos e a sua cultura, através de blogs, canais no *youtue* e redes sociais, que possibilitaram o surgimento do referido dicionário, que é apenas a ponta de um *icberg* chamado cultura travesti. As novas ferramentas da internet também permitem que grupos sociais se mobilizem e até disputem a narrativa com as instituições hegemônicas ou hierarquicamente superiores, “conversando e argumentando com os mais variados membros que frequentam sua teia de páginas *web*, grupos de discussões, redes sociais, *blogs* e outras interfaces de comunicação distribuída” (MALINI; ANTOUN, 2013, p.159). Desse modo, as formas de expressões próprias, da qual Luiz Beltrão se preocupou nos seus estudos folkcomunicacionais, passam a migrar para o mundo online, de onde agora elas podem “entender e fazer-se entender” (BELTRÃO, 2001, p.125).

FOLKCOMUNICAÇÃO E OS PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO GRUPAIS

Sempre que se fala em *folkcomunicação* é válido lembrar a definição do termo apresentada pelo seu principal pesquisador: o professor Luiz Beltrão. Em sua tese de doutorado, até hoje referência sobre os estudos folkcomunicacionais, o autor define que:

Folkcomunicação é o processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore e, entre as suas manifestações, algumas possuem caráter e conteúdo jornalístico, constituindo-se em veículos adequados à promoção de mudança social (BELTRÃO, 2001, p.73).

Além disso, o autor ressalta a existência de sistemas específicos de comunicação entre os grupos marginalizados nos processos folkcomunicacionais, inclusive, o uso de linguagem própria. Obviamente o professor Beltrão estava se referindo às condições da época em que ele escreveu a sua tese (anos 1960) ao mencionar que essa comunicação se dava de forma geralmente arcaica e através de meios rudimentares, porém, mesmo com as facilidades comunicacionais do mundo *online* muitas vezes o uso de uma linguagem própria é a melhor forma para que determinados grupos se mantenham conectados, como no caso da cultura travesti. Além disso: “Esse território mostrou-se fértil, principalmente para a germinação e o cultivo de relatos sobre as atividades desenvolvidas pelos agentes folkcomunicacionais, ampliando consideravelmente seu raio de ação” (MELO, 2008, p.97). E foi pela ampliação desses canais que, para o bem ou para o mal, as especificidades da cultura travesti passaram a chegar mais facilmente até os meios televisivos de comunicação brasileiros e foram apropriadas por eles.

Apresenta-se então, outro questionamento pertinente para ser feito nesse momento da pesquisa: se a *folkcomunicação* está ligada ao folclore, a cultura travesti pode ser pensada sob essa perspectiva? Para responder a essa questão, vale a pena recorrer a carta apresentada no Congresso Brasileiro de Folclore de 1995, recuperada por Benjamin, que define folclore como:

[...] o conjunto das criações de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade (BENJAMIN, 2007, p.29).

Ora, pode-se apresentar algumas objeções quanto a tese defendida no presente artigo, como por exemplo, que não há aceitação coletiva, nem tradicionalidade, ao que pode ser rapidamente respondido que: 1) a aceitação coletiva da cultura travesti se dá dentro de seu próprio grupo e; 2) obviamente há uma tradicionalidade que só começa a aparecer agora, no ciberespaço, pois até então os únicos traços dessa cultura só chegavam ao resto da população através das imagens estereotipadas da mídia hegemônica. E nada mais espontâneo do que uma manifestação que nasce sem a imposição de nenhum grupo midiático ou de instituições tradicionais da sociedade. Aliás, não se pode esquecer que: “O ponto central dos estudos nessa área está nos mecanismos e procedimentos usados pelos grupos populares para a realização da comunicação inter-pessoal, inter-grupo ou extra-grupo transmitindo suas ideias, valores, sentimentos, experiências, etc.” (SCHIMIDT, 2007, p.37). Feitas essas considerações, pode-se reivindicar, inclusive,

a cultura travesti para assumir o papel de protagonista da *folkcomunicação* no Brasil ao lado de outros grupos marginalizados. Afinal, vale se ressaltar que: “Não é sem razão de ser que tipos pouco ancorados nas raízes históricas da cultura brasileira – como as *tatuagens*, o *funk carioca* ou o *rap paulista* assumem a vanguarda folkcomunicacional neste novo milênio” (MELO, 2008, p.103). Grupos que antes existiam, mas que não eram tão populares como os de tradições regionais ou os culturais reconhecidos e aceitos por uma sociedade moralmente baseada em fundamentos religiosos. A internet e a necessidade de expressão de grupos minoritários, como as travestis, fizeram com que a sociedade percebesse a existência dessas pessoas – por mais que determinados setores ainda insistam em ignorar ou reconhecer a existência delas apenas sob a perspectiva do preconceito.

No entanto, reconhece-se aqui que a cultura travesti está apenas começando a sua trajetória no mundo comunicacional e folkcomunicacional, para romper as barreiras do preconceito e se fazendo notar pela sociedade, como já foi feito por outros grupos:

Dessas conversas de boca de noite, dessa troca de impressões provocadas pelos versos do poeta distante, do compositor popular, pelos inflamados artigos do jornalista matuto ou pelas severas admoestações dos missionários; do raciocínio do homem solitário, no seu trabalho na floresta, na caatinga, na coxilha – é que surgem, vão tomando forma, cristalizando-se as ideias-motrizes, capazes de um determinado instante e sob certo estímulo, levar aquela massa aparentemente dissociada e apática a uma ação uniforme e eficaz (BELTRÃO, 2001, p.220).

Porém, até se chegar a esse ponto, há muito o que se superar, começando pela própria mídia televisiva que, para prestar um serviço público de comunicação de qualidade, sob o ponto de vista da cidadania, deveria fazer o oposto do que faz, conforme é visto no próximo capítulo.

A CULTURA E A LINGUAGEM TRAVESTI

São raros os estudos na área da Comunicação Social sobre a cultura travesti. Geralmente esse grupo é tema de artigos e obras de áreas como Psicologia, Sociologia e Antropologia. Bem como, há inúmeros trabalhos que tratam da questão de gênero (“o” travesti ou “a” travesti?) ou de saúde do grupo. Portanto, cada vez estão sendo disponibilizados mais materiais que poderiam embasar um estudo mais profundo sobre a formação de uma cultura travesti. O que se pode dizer é que, com blogs e outras manifestações dessa cultura, um dos principais elementos é a linguagem. Nesse sentido, os escritores Victor Ângelo e Fred Lib lançaram em 2006 o livro *Aurélia - a dicionária da língua afiada*. Na verdade essa foi a primeira publicação do que depois se tornaria diversos vídeos postados no *youtube* revelando ao público a linguagem própria das travestis. Dois exemplos são *Dicionário dos gays e travestis* (SILVA, 2011), postado por Thiago Silva em 30 de junho de 2011, e *Abrindo o glossário* (VIEIRA, 2010), postado por Fabinho Vieira em 5 de outubro de 2010. Em ambos, bem como no mencionado livro, basicamente é revelado o significado de algumas palavras e frases próprias da cultura travesti. Um exemplo ilustrativo é a expressão “Jogar o picumã”, que significa virar a cabeça, mudando os cabelos de lado, com a intenção de menosprezar alguém (ÂNGEÇO; LIB, 2006). Os autores também destacam que a linguagem própria da cultura travesti é chamada de bajubá e começou como

um código utilizado pelas travestis como uma forma de conversar entre elas de maneira que os outros não compreendessem sobre o que elas estavam falando. Apesar disso, os próprios autores adotam, assumidamente, um tom considerado por eles humorístico e que, em determinados trechos, vai para o lado pejorativo. Ao contrário dos referidos vídeos, aonde quem apresenta os termos são *drag queens* e travestis, os dois autores do livro se definem apenas como homossexuais.

Esse fato fez com que em entrevista concedida ao Programa do Jô, da Rede Globo de Televisão, o apresentador tentasse manter um tom de respeito aos homossexuais, controlando-se para não falar nenhuma frase que pudesse ser intepretada como preconceituosa, porém, ele deixou escapar a sua opinião quando ele comenta a descrição do entrevistado: “Sabe porquê, você usando a gíria do livro... você não é uma bicha pintosa [...] que é aquela bicha que chega e já quer... né?” (MAUMAUTONI, 2010). Assim, já se pode perceber que, quando a cultura travesti é apropriada ou abordada pelos grandes canais televisivos, há um tom pejorativo e preconceituoso, conforme fica ainda mais claro ao serem abordados os casos dos programas Zorra Total, da Rede Globo, e Pânico na Band, da Rede Bandeirantes de Televisão.

ZORRA TOTAL E A CURA GAY

Enquanto em seu discursos jornalísticos a Rede Globo de Televisão evita adotar uma abordagem preconceituosa contra homossexuais, durante a história dos programas de entretenimento da emissora incluir personagens gays como pessoas anormais já virou rotina. Isso apenas demonstra a hipocrisia da postura da emissora diante do assunto. Enquanto colunistas e jornalistas condenam atos homofóbicos, a própria emissora incentiva o preconceito em seus programas de humor e entretenimento. Gays que frequentemente apanham, como era o caso do personagem Pit Bicha, interpretado por Tom Cavalcante, e seguidamente são alvos de chacotas dos outros personagens, como acontece nos quadros de Alfradinho, interpretado pelo ator Lúcio Mauro Filho, todos do programa Zorra Total. Mesmo não sendo personagens travestis, todos eles usam linguagem semelhante à cultura mencionada anteriormente e adotam movimentos exagerados, para justificar as agressões físicas e morais que sofrem nas narrativas dos episódios.

O ápice do incentivo ao preconceito, no entanto, chegou à emissora em fevereiro de 2014, quando estreou o quadro do personagem Hércules, interpretado pelo ator Paulo Mathias Júnior. O preconceito da emissora fica explícito pelo simples fato de que Hércules é um personagem gay que está em tratamento médico para se tornar heterossexual. Ou seja, o discurso não precisa ser explícito para se fazer a leitura de que a emissora, que produz e publica o programa, está tratando os homossexuais como anormais e doentes ao colocar um personagem gay em situação de tratamento – que, logo, precisa se curar. A esposa de Hércules, vivida por Cris Pompeu, é quem controla o personagem a não ter uma recaída. O comportamento de Hércules oscila, entre momentos em que ele fala com voz grossa, tentando convencer aos que estão ao redor de que é heterossexual, e momentos em que a sua fala se torna afeminada. Essa é a tentativa do quadro de fazer humor a partir da situação constrangedora do personagem gay tentando controlar a sua personalidade natural, como se a sua sexualidade fosse objeto de repressão, resultado de um desvio, de um erro de personalidade, de uma doença ou infração a ser corrigida.

Em um dos programas, o médico que trata de Hércules chama um hipnotizador para tentar curá-lo da sua homossexualidade. Em determinado momento, ao ouvir do hipnotizador que o seu paciente era um gay incorrigível, o médico se revolta dizendo: “Não! Gay não! Ex-Gay! Ele passou pelo meu tratamento e está totalmente curado. A cura gay existe!” (GOIVIEIA, 2015). Já em outro episódio, a esposa comenta com outro homem: “Ele é ex-gay... Mas ele está curado, ele fez um tratamento e agora ele é macho!” (DAVARIZ, 2014). Em seguida, Hércules encontra um amigo homossexual de antes de seu casamento e de seu tratamento, e então a linguagem travesti, mencionada anteriormente, é apropriada pelos personagens, utilizando expressões como “Para o sistema solar. Para o universo que eu quero descer”. Já ao final do mesmo episódio, ao ter uma “recaída” e se apropriar de utensílios femininos de outra mulher, há uma vaia de outros personagens, demonstrando o tom de reprovação pelo fato de um homem assumir a sua homossexualidade em público. E, assim, a emissora, através do programa *Zorra Total*, ao mesmo tempo em que se apropria da cultura travesti, utilizando a sua linguagem própria, movimentos, expressões e formas de falar, incentiva o preconceito ao tratar sempre personagens homossexuais como sujeitos a serem excluídos, ridicularizados, agredidos e vaiados. Assim, em uma sociedade midiaticizada, mesmo que não haja um processo sistemático de aceitação do discurso, há certa apropriação da visão desses personagens, que podem ser facilmente vistos em postagens nas redes sociais – com o rosto e os bordões dos personagens –, nas postagens dos episódios no *youtube*, enaltecendo a visão do programa e o enquadramento ridicularizando os homossexuais e, em outros extremos, reforçando a visão agressiva de parcela da população contra os homossexuais, principalmente ao modo de vida que alguns adotam como, por exemplo, aqueles que decidem se vestir e se transformar em uma figura feminina na sociedade.

Assim, até o momento ainda não há um contra discurso na esfera das massas, mesmo com o mundo online, porém, pode-se salientar que, através de críticas e apontamentos que mostram como a emissora de maior audiência no país, de um lado, critica a homofobia e os atos de violência contra os homossexuais e, por outro, aborda um discurso incentivando o preconceito, a agressão e o isolamento do mesmo grupo. A internet passa a ser um local para circular a cultura e a visão de mundo, por exemplo, das travestis, porém ainda não há um grupo sólido capaz de dar a resposta que emissoras, como a Rede Globo, mereceriam. Esse contradiscurso, entretanto, é questão de tempo, pois: “A natureza das multimídias é de portar uma linguagem desencarnada da mediação da mídia irradiada, desorganizando o modo tradicional da notícia, ao mesmo tempo em que elas organizam uma linguagem cooperativa, dialógica, múltipla e comum” (MALINI; ANTOUN, 2013, p.184). Assim como em outras questões a linguagem folkcomunicacional conseguiu apresentar um contraponto ao discurso da mídia hegemônica, acredita-se que o mesmo irá ocorrer, futuramente, no que diz respeito as questões da sexualidade da população, que sempre é tratada como algo bizarro, anormal, a ser tratado, a ser curado.

O PRECONCEITO CELEBRADO EM PÂNICO DA BAND

Um dos programas que mais incentiva o preconceito em seus discursos, em todos os sentidos, é o *Pânico na Band*. Na página do programa (PÂNICO NA BAND, 2015), consta que o formato do programa teve início no rádio, nos anos 1990, e depois passou

para a televisão, com o Pânico na TV, que anteriormente à 2012 estava na programação da Rede TV. A partir de então, os direitos do programa foram adquiridos pela Rede Bandeirante de Televisão, e o programa, apresentado por Emilio Surita, um dos criadores da primeira versão, mudou de emissora.

Frequentemente o programa se vale da cultura travesti e das imagens de travestis em seus quadros, sempre ridicularizando-as e, dessa forma, não só incentivando o preconceito, mas também celebrando tal atitude. Da mesma maneira que ocorre com a Rede Globo, em seus programas jornalísticos o discurso sempre é contrário ao preconceito e a intolerância, dentre as quais, a sexual. Porém, ao dar carta livre para que um programa ridicularize e utilize uma abordagem totalmente pejorativa à cultura travesti, a emissora se posiciona, no campo simbólico, favorável a tal tipo de preconceito. No programa do dia 15 de dezembro de 2013 (TV PROGRAMAS, 2013), por exemplo, foi produzido um quadro que se chamou “Trollando Guilherme Santana com um travesti”. O participante do programa, Guilherme Santana, comemorava o seu aniversário e, então, foi armada uma situação em que ele fica com os olhos vendados enquanto é amarrado com o corpo colado junto ao de uma travesti. Os xingamentos e o desespero do participante do programa apresentam um discurso de rejeição total em relação a travesti.

O mesmo tom de preconceito marca a cobertura da Parada Gay de São Paulo de 2014 (MIRCMIRC, 2014). Nesse caso, há uma apropriação da linguagem e da cultura travesti, porém, mais uma vez ressaltando as piadas e a atitude de rejeição que os participantes heterossexuais apresentam em relação aos homossexuais e travestis. Mesmo as frases sendo colocados em personagens humorísticos que estão cobrindo a parada, os discursos do humor são sempre em tom de fazer com que os outros acabem rindo dos homossexuais, principalmente se as entrevistadas fossem travestis. Um exemplo disso se dá no seguinte diálogo entre o personagem repórter e uma travesti entrevistada. Ao que o entrevistador pergunta: “você tem a língua presa”, a entrevistada responde “um pouquinho só”. Então o integrante do programa, tentando deixar a travesti em situação constrangedora em rede nacional, pergunta: “e o que mais é preso?”. Estando com um microfone diante de si e uma câmera ligada, ela responde: “tudo, está bem escondidinho aqui embaixo”. Além disso, o entrevistador puxa a blusa da travesti para mostrar que ela não tinha seios de silicone. Mesmo querendo adotar um discurso de “não ao preconceito”, as piadas feitas no estúdio, entre os apresentadores do programa que se declaram heterossexuais – sempre tentando deixar bem claro de que não são homossexuais, como se tal fato fosse uma aberração -, acabam reforçando a visão de preconceito contra os homossexuais, que é ainda mais acentuada quando são voltadas para a cultura travesti.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há dois elementos fundamentais que devem ser considerado para se avaliar as relações entre a cultura travesti e os discursos televisivos no Brasil. Primeiro, deve-se reconhecer a existência dessa cultura, com formas de comunicação próprias, linguagens específicas e tradições ainda pouco exploradas. Portanto, a perspectiva da *folkcomunicação* aparece como uma das mais apropriadas para se estudar e abordar essa cultura sob a perspectiva da Comunicação Social. O segundo elemento, é a apropriação das emissoras

de sinal aberto de televisão brasileiras, que apresentam contradições em seus discursos midiáticos. Primeiro, há o discurso moral do jornalismo, que busca a isenção e apela para o discurso politicamente correto do combate à intolerância e a violência contra determinados grupos que, historicamente, sofrem preconceito e perseguição. Porém, ao mesmo tempo, essas mesmas emissoras incentivam tais atitudes da sociedade dando destaque para quadros em seus programas humorísticos que tem em seu cerne a ridicularização e a sátira contra as minorias, homossexuais e, principalmente, travestis. A maneira como esses veículos tratam a cultura travesti deve ser objeto de estudos mais aprofundados, pois claramente eles prestam um desserviço à cidadania.

Há claras relações que podem ser feitas entre as abordagens mencionadas e notícias sobre assassinatos e espancamentos de travestis. Por um lado, o Grupo Globo apresenta apoio a protestos como o referido na matéria intitulada *Grupo protesta em SP contra a morte de homossexual em Goiás* pelo site G1 no dia 13 de setembro de 2014. A última frase do texto diz: “Entretanto, para a presidente da Comissão de Direito Homoafetivo da Ordem dos Advogados do Brasil Seção Goiás (OAB-GO), Chyntia Barcellos, a razão do assassinato foi preconceito sexual”². Ora, diante de tanto incentivo às vaia, às agressões e às piadas contra homossexuais em seus programas humorísticos, pode-se concluir facilmente que há profundas relações entre os princípios difundidos na sociedade através da ênfase dada à tais atitudes em discursos que as apoiam, e casos como o citado na referida matéria.

Para além disso, há ainda o tratamento dado no discurso dos programas televisivos mencionados no decorrer do artigo. Ao satirizar a cura de um gay, o programa Zorra Total adota discurso semelhante aos do século XV, quando pessoas com “desvios” sexuais eram isoladas do resto da sociedade, consideradas loucas. “No domínio da expressão da literatura e da filosofia, a experiência da loucura, no século XV, assume sobretudo aspecto de uma sátira moral” (FOUCAULT, 2008, p.25). No entanto, essa postura ainda persegue as minorias contemporaneamente. Essas eram práticas de exclusão e de marginalização contra os grupos que eram condenados por um sistema moral, baseado na religiosidade cristã. “Ora é sob essa forma que se descreve, e ao meu ver ainda hoje, a maneira como o poder se exerce sobre os loucos, sobre os doentes, sobre os criminosos, sobre os desviantes, sobre as crianças, sobre os pobres” (FOUCAULT, 2010, p.37). As abordagens de Foucault sobre a sexualidade e sobre a história da loucura, aliás, que podem servir de base para outros estudos, mais aprofundados sobre a temática. Nessa etapa, porém, as principais considerações que podem ser apontadas são a identificação de: 1) a cultura travesti e 2) a hipocrisia no discurso midiático televisivo brasileiro no que se refere às abordagens dessa mesma cultura.

REFERÊNCIAS

- ÂNGELO, V.; LIB, F. (2006). *Aurélia* - a dicionária da língua afiada. São Paulo: Editora do Bispo.
- BELTRÃO, L. (2001). *Folkcomunicação* – Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: Edipucrs.

2. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/09/grupo-protesta-em-sp-contra-morte-de-homossexual-em-goias.html>.

- BENJAMIN, R. (2007). Folclore. In: GADINI, S. L.; WOITOWICZ, K. J. (Orgs.). *Noções básicas de Folkcomunicação – uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões*. Ponta Grossa: UEPG.
- CANCLINI, N. G. (2013). *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp.
- DAVARIZ, R. *Segura Hercules – Zorra Total*. Recuperado em 5 de fevereiro, 2015, de: <https://www.youtube.com/watch?v=CFCsn-eHgY>
- FOUCAULT, M. (2013). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.
- FOUCAULT, M. (2008). *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva.
- FOUCAULT, M. (2010). *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes.
- GADINI, S. L. (2007). *Cultura popular*. In: GADINI, S. L.; WOITOWICZ, K. J. (Orgs.). In: *Noções básicas de Folkcomunicação – uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões*. Ponta Grossa: UEPG.
- GOIVIEIA, N. (2015). *Zorra Total – Hércules e o hipnotizador*. Recuperado em 15 de fevereiro, 2015, de: <https://www.youtube.com/watch?v=junXpnuCO4s>
- MALINI, F.; ANTOUN, H. (2013). *@internet e #rua – Ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Sulina.
- MARTÍN-BARBERO, J. (2013). *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- MAUMAUTONI. (2010). *Jô Soares – Dicionário gay*. Recuperado em 15 de fevereiro, 2015, de: <https://www.youtube.com/watch?v=neAVaFxlGy>
- MELO, J. M. (2008). *Mídia e cultura popular – História, taxionomia e metodologia da folkcomunicação*. São Paulo: Paulus.
- MELO, J. M. (2007). Folkcomunicação. In: GADINI, S. L.; WOITOWICZ, K. J. (Orgs.). *Noções básicas de Folkcomunicação – uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões*. Ponta Grossa: UEPG.
- MIRCMIRC. (2014). *Pânico na band cola na Parada Gay 2014*. Recuperado em 14 de fevereiro, 2015, de: <https://www.youtube.com/watch?v=RPRIjXWzIjM>
- ORLANDI, E. P. (2013). *Análise de discurso – Princípios & Procedimentos*. Campinas: Pontes Editores.
- PÂNICO NA BAND (2015). *Mensagem com amor*. Recuperado em 14 de fevereiro, 2015, de: http://www.mensagenscomamor.com/seriados-filmes-e-novelas/panico_na_band.htm
- SILVA, T. (2011). *Dicionário dos gays e travestis*. Recuperado em 14 de fevereiro, 2015, de: <https://www.youtube.com/watch?v=aVSzSwlfsRU>
- SCHIMIDT, C. (2007). Teoria da Folkcomunicação. In: GADINI, Sérgio Luiz; Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz (Orgs.). *Noções básicas de Folkcomunicação – uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões*. Ponta Grossa: UEPG.
- TV PROGRAMAS. (2013). *Pânico na Band 15/12/13 - Trollando o Gui Santana com Travesti em seu Aniversário*. Recuperado em 14 de fevereiro, 2015, de: <https://www.youtube.com/watch?v=KR-DZtWUK10>
- VIEIRA, F. (2010). *Abrindo o glossário*. Recuperado em 14 de fevereiro, 2015, de: <https://www.youtube.com/watch?v=kMMOZPomIeYl>